

SOBRE OS MILITANTES DA CUT-PB: CARACTERIZAÇÃO E MUDANÇAS¹

Roberto Vêras de Oliveira

A partir da aplicação de um questionário, no início de 1993, junto às 32 entidades filiadas à CUT-Pb e sediadas em João Pessoa, foi elaborada uma lista com 116 ativistas sindicais que desenvolviam uma militância mais direta na CUT, tidos como os "mais envolvidos" (aqueles que ou se tornaram "dirigentes" de alguma de suas instâncias ou quase frequentemente participam de seus Congressos, Plenárias, Greves Gerais, etc).

Em seguida, meados de 1993, visando aprofundar a caracterização do perfil dos militantes da CUT-Pb, aplicamos um segundo questionário, agora especificamente junto a estes. Ao todo, foram atingidos 77 militantes (66,4% dos 116 levantados inicialmente), distribuídos por 27 entidades filiadas, mais os 6 membros da Direção Executiva do Departamento Estadual dos Trabalhadores Rurais, totalizando 83 entrevistados.

Esse segundo questionário foi estruturado em três partes: a primeira, contendo questões do tipo "sócio-culturais" (nome, idade, estado civil, grau de instrução, etc); a segunda procurando abordar a trajetória de militância de cada um (tempo de militância, em que frentes já atuou, etc); e a terceira tratando mais especificamente da militância na CUT (momento em que se envolveu com a CUT, eventos nos quais já participou, participação em "tendências", etc). Alguns dos seus resultados o sistematizamos em seguida.

¹ Elaborado a partir do capítulo IV da minha dissertação de mestrado (Oliveira, 1994).

Quanto à escolaridade, salta aos olhos o fato de 73 entrevistados (87,9%) situarem-se a partir do Segundo Grau Incompleto. Além dos 10 restantes (12,1%) serem pelo menos "alfabetizados", 59 outros (71,0% do total) situaram-se a partir do Terceiro Grau incompleto. Com Nível de Pós-graduação encontram-se 21 deles (25,3% do total).

A origem "profissional" dos militantes, apresentada anteriormente, já nos indicava o peso de setores que exigem um nível escolar relativamente alto em termos dos padrões médios da Paraíba. Mas, mesmo naqueles setores com níveis escolares extremamente baixos, como os da Construção Civil, Têxteis e Rurais, dos 17 entrevistados aí incluídos 9 situaram-se a partir do Segundo Grau Incompleto, sendo que 6 deles com nível universitário.

Quanto à idade dos militantes, apresentou-se uma forte concentração na faixa etária dos 25 aos 44 anos, envolvendo 66 deles (79,5% do total). Realçada mais ainda pelo fato de que abaixo dela e acima de 55 anos não registramos nenhum caso

No que diz respeito ao "estado civil" (ver Tabela 3), 47 entrevistados (56,6%) disseram-se "casados", 22 (26,5%) "solteiros" e 14 (16,9%) "separados" ou "divorciados". Mas, entre homens e mulheres apresentaram-se importantes diferenciações. Antes de mais, do total de 83 entrevistados, apenas 18 (21,7%) são do sexo feminino. E, destas, 10 (55,5%) são "solteiras", 7 (38,9%) "separadas" ou "divorciadas" e apenas 1 (5,6%) é "casada". Enquanto, no caso dos homens, 46 (70,8% dos 65) são "casados" e apenas 12 (18,5%) são "solteiros" e 7 (10,8%) "separados" ou "divorciados".

Elas, assim, caracterizam-se, ao contrário do caso masculino, como um tipo predominantemente distante da Instituição do Casamento. Além disso, mostraram-se mais "intelectualizadas" e "maduras" que a média dos homens (como mostram as Tabelas 4 e 5). Se, dos 65 militantes masculinos, 56 (86,1%) situaram-se a partir do Segundo Grau Incompleto, com 76,8% dos quais (43 deles) tendo no mínimo ingressado em um Curso Superior, no caso das mulheres apenas 2, dentre o total de 18 (11,1%, portanto), estão entre o Primeiro e o Segundo Graus. As demais (88,9%) têm pelo menos a condição de "universitária". Só que a metade de todo o conjunto de 18 mulheres tem algum curso no Nível da Pós Graduação.

Quanto à idade, no caso das mulheres, a faixa etária mais significativa é aquela que vai dos 35 aos 44 anos, que contém 12 militantes (66,7% das 18).

Enquanto que, no caso dos homens, além de encontrarem-se melhor distribuídos nos intervalos aqui considerados, destaca-se a faixa etária dos 25 aos 34 anos, com 29 dentre os 65 (44,6).

Pelo menos 13 das 18 mulheres entrevistadas (72,2%) são oriundas de setores como Educação, Previdência e Bancário.

De modo geral, são militantes que têm-se "formado" a partir de vários anos de experiência e passando por vários espaços de atuação política (como mostra a Tabela 6). 30 dos 83 entrevistados (36,1%) iniciaram sua militância antes de 1977, 50 (60,2%) entre 1977 e 1989, e apenas os 3 restantes (3,6%) a partir de então.

Todos têm desenvolvido sua militância pelo menos em um sindicato e na CUT. Muitos passaram por "movimentos de Igreja" (Pastorais, Serviços, etc.), movimento estudantil (universitário ou secundarista), movimentos de bairro, movimentos de mulheres, cooperativismo, etc. Um grupo de 29 entrevistados (34,9%) começou atuando no movimento estudantil (62,1% dos quais até 1977 e os demais até 1989). Outro grupo, composto por 15 (18,1%), iniciou-se pelos movimentos de Igreja, sendo que 46,6% deles são trabalhadores rurais ou da Construção Civil, e 53,3% o fizeram até 1977 e os demais até 1989. O grupo majoritário, no entanto, 31 entrevistados (37,3%), iniciou a militância no próprio movimento sindical, muitos dos quais como "oposição". Sendo que 25 destes (80,6%) o fizeram no período 1977-1989. Os demais, 8 (9,6%), iniciaram em outro movimento ou partido político.

Quanto à militância sindical, 75 dos 83 entrevistados (90,4%) declararam-se "dirigentes" de um sindicato, 31 (37,3%) disseram-se "dirigentes" de alguma instância da CUT e 5 (6,0%) apresentaram-se como "ex-dirigentes" da CUT. Enquanto 33 (39,7%) assumiram-se como "fundadores" da CUT, os demais (60,3%) decidiram-se por uma "militância cutista" a partir de 1984, seja ao participarem de algum Congresso ou Greve Geral ou Oposição Sindical, seja em função da filiação de sua entidade à CUT. Entretanto, 42 deles (50,6% do total) o fizeram entre o período 1984-1991. E apenas 8 (9,6%), depois desse período.

A disponibilidade para a militância está quase sempre próxima da exclusividade. Basta ver que, de todos os entrevistados, 55 (66,3%) disseram-se "liberados", que no jargão sindical significa estar parcial ou integralmente à disposição da entidade onde atua, seja ao ser remunerado por ela ou pela empresa com a qual tem vínculo empregatício. Além do que,

mais 12 (14,5%) disseram que já tinham sido "liberados" antes. Por outro lado, apenas 13 dentre eles (15,7%) também estudam e outros 10 (12,0%) disseram que desenvolviam "outro tipo de atividade" (ginástica, futebol, religião, etc). No mais, a atividade fundamental é a militância.

Tratam-se, portanto, de militantes relativamente "intelectualizados", de idade "madura" e "forjados", na sua maioria, até fins da década de 80, seja a partir de um envolvimento inicial com outro movimento social, seja diretamente a partir do próprio movimento sindical. Mas, independentemente disso, atualmente todos praticam uma militância em outros espaços, além do sindicalismo. Normalmente assumem a busca de um "projeto global" como uma referência para as suas várias militâncias.

Dai todo o peso que as "forças políticas" têm adquirido na dinâmica cotidiana da CUT. Quanto aos 83 entrevistados, 36 deles (43,4%) disseram-se identificados com a Articulação, 8 (9,6%) colocaram-se como envolvidos com a CSC (Corrente Sindical Classista), 7 (8,4%) com a DS (Democracia Socialista). O PSTU, a Vertente Socialista e a Convergência Socialista, cada uma foi assumida por apenas um dos entrevistados (1,2% cada). Os demais, 29 (34,9%), definiram-se como "independentes". Entretanto, dentre estes, 23 disseram-se identificados com o PT, e um com o PSB. Apenas 5 (6,0%) apresentaram-se sem ligação com partido ou "tendência". Com atuação em partidos declararam-se 74 dos entrevistados (89,1%). Só que 64 deles (77,1% do total), no PT. Enquanto no PC do B disseram-se 7 (8,4%) e apenas 1 (1,2%) no PDT, no PSTU e no PSB. Além disso, 14 (16,8%) já foram candidatos a vereador, deputado ou prefeito. Entre os quais, 13 pelo PT.

É nesse quadro que se coloca a questão da relação da CUT com os partidos, em particular com o PT, tratada nos seus próprios documentos, onde se destaca a sua condição ao mesmo tempo de "autonomia" e de afinidade com os que considera com objetivos afins. Em relação à qual, para o militante, se coloca o papel de elo de ligação entre o sindicato, o partido e tantos outros espaços onde atue. O seu esforço é no sentido de articulá-los em uma mesma direção estratégica, embora sinta-se muitas vezes dividido, como exemplifica um membro da Executiva da CUT-Pb, em entrevista a nós concedida no segundo trimestre de 1993:

"Uma vez eu estava num debate, lá em Pernambuco, num congresso de professores, e saltou um rapaz lá e disse: 'mas me diga uma coisa, como é que é essa história? A CUT defende o Não Pagamento da Dívida Externa e o

PT defende a Suspensão do Pagamento da Dívida Externa. Eu sou da CUT e sou do PT, e o que é que eu defendo, afinal de contas?" "

Esse perfil a que chegamos se aproxima bastante do que observamos quando da Pesquisa IV CECUT-PB², quanto à proporção de delegados ali distribuídos em função do sexo (72,6% de homens e 27,4% de mulheres), quanto à idade (concentração na faixa etária de 30 a 50 anos: mais de 60%) ou à situação conjugal (60,3% do total de delegados disseram-se "casados", sendo que, do mesmo modo, apenas 28,9% das delegadas consideraram-se aí incluídas).

Mas, quanto à escolaridade, vale observar que, apesar de ali também se destacar um elevado grau de instrução (56,4% dos delegados disseram ter cursado "9 anos ou mais" de escola), destacou-se do mesmo modo no outro pólo uma concentração de delegados "sem instrução" (13,2%), ou com até 2 anos de escola (22,8%), embora em menor proporção. Entretanto, note-se uma diferença quanto ao tipo de público considerado em cada uma das pesquisas: enquanto o questionário aplicado aos 83 militantes contemplou um universo mais restrito e selecionado, dos "mais envolvidos com a CUT", a Pesquisa IV CECUT-PB abrangeu um universo bem mais amplo: o dos delegados aquele Congresso, cuja composição incluía 37,8% dos quais enviados por sindicatos da área rural (representando 97,5% dos "sem instrução" e 69,8% dos que se colocaram no nível "primário").

Tal diferença, no entanto, só reforça a evidência do elevado nível de escolaridade dos militantes "cutistas", assim como dos demais indicadores, que continuam sempre próximos entre si. É o que se verifica quanto ao tempo de militância, à participação em outras organizações populares, à liberação para a militância sindical, à simpatia pelo PT, etc³. Todos, indicadores de um perfil que os diferencia acentuadamente dos públicos em relação aos quais se colocam como "representantes" e "dirigentes".

De fato, através de entrevistas realizadas com sete dos 83 militantes que responderam o já referido questionário, evidencia-se todo um "processo de burocratização" do sindicalismo desenvolvido pela CUT. Cujas

² Realizada em julho de 1991, por ocasião do IV Congresso Estadual da CUT da Paraíba, por Leôncio Camino (coordenador), Roberto Vêras, Joseli da Costa e Ana Raquel Torres. Cujos resultados foram sistematizados em relatório (mimeo).

³ Tais indicadores são bastante semelhantes àqueles observados por Rodrigues (1990), quanto ao perfil dos delegados ao III CONCUT, e por Jácome (1993), quanto aos resultados de uma pesquisa similar realizada por ocasião do IV CONCUT.

consequência mais incômoda, segundo sugerem, diz respeito a um "distanciamento", "afastamento", dos "dirigentes" em relação às "bases" e das instâncias da CUT em relação aos sindicatos filiados. Os entrevistados admitem, que a CUT "ainda está vivendo um vanguardismo muito forte", que "a militância está envelhecendo, a vanguarda está envelhecendo, porque é aquele discurso para nós mesmos".

Na verdade, esse quadro de crise estaria abrindo espaço para todo um questionamento sobre a própria natureza da militância. Segundo um dos entrevistados, "quem teria coragem de abrir um debate sobre a afetividade no interior da Central?" E outros comentam:

"Nós somos militantes militarizados. Nós chegamos ao ponto de não ter nem vida pessoal. Militante era aquele que era disponível. Hoje, ainda tem uns imbecis que chamam isso ainda de ser revolucionário. É de manhã, de tarde e de noite à disposição do sindicato, do partido...";

"Então, você já fica comprometido porque você quer ter um tempo maior com a família, se dedicar mais com os familiares... E até isso atrapalha. E às vezes isso influi até negativamente na própria vida pessoal, porque às vezes a pessoa fica tão estressada com os movimentos, no dia-a-dia...";

"... Eu passo praticamente o dia correndo pra cima e pra baixo pra organizar. E, aí, eu penso assim: 'puxa...! não é pra quê, porque o 'pra quê' todo mundo sabe, mas eu me pergunto: 'por que é que outras pessoas não se dedicam tanto?' (...) E, aí, por exemplo, a gente perde muito da vida pessoal... Se bem que eu estou... eu estou passando por um processo que eu estou conseguindo equilibrar minha vida pessoal com a minha vida sindical, porque estava uma loucura. Eu passava de 6 horas da manhã até 11, meia noite, na militância, todos os dias (...) Se voltasse o tempo, eu entrava na militância de novo, mas eu tentaria controlar isso. Hoje, qual a perspectiva de eu arranjar uma fonte alternativa pra poder sobreviver? Nenhuma. Ensinar em colégio particular, eu não ensino mais. Estou terminando o meu curso faz um bocadinho de tempo. E não consigo terminar, porque eu sempre priorizo, entre uma aula e uma reunião pesada, eu sempre priorizo a reunião pesada. E, aí, vai passando o tempo e a gente não consegue terminar o curso".

A exigência por uma militância com disponibilidade total tem levando a uma nítida demarcação entre o "ser" e o "não-ser" militante, restringindo-a a poucos. E, assim, colocado, por exemplo, para as mulheres uma situação de

maior dificuldade para o seu engajamento, do que aquela que se coloca para os homens, como indica o depoimento seguinte:

"talvez as mulheres não tenham muita participação no movimento sindical em virtude disso... Uma reunião que começa às 7 horas da noite no sindicato vai até as 2 horas da manhã. E, às vezes, pegando o sábado e o domingo, também. E isso destrói o relacionamento lá, da mulher, com a família, com o marido, com o cara que, às vezes, não é militante, ou que é militante mas não concorda com isso"

A fala de uma militante é ilustrativa:

"... Porque tem hora em que a gente se sente solitária, principalmente eu que sou mulher, que eu acho que sofre muito mais disso. Há discriminação dentro do movimento sindical. Porque os companheiros homens têm também um discurso muito falso, porque muitos deles, eu acho que a grande maioria, preferem muito mais uma mulherzinha recatada, dentro de casa, cuidando dos filhos, do que uma mulher na militância. Isso prejudica você, porque você não consegue ter um relacionamento..., não é mais sério no sentido de casar, nem nada, mas de dividir, de ser companheiro, aquele negócio todo... (...) Quase todas as mulheres, eu acho, que sofrem de carências... (...) das mulheres militantes, sofrem dessa carência. Você está numa loucura tão grande que tem uma hora que não tem nada pra você fazer e você não tem um companheiro pra conversar, pra se divertir, nem nada. Nesse sentido, a mulher, principalmente, perde muita coisa (...) Porque, imagina, a pessoa só militando... O homem não consegue, quanto mais a mulher que tem muito mais sensibilidade pra essas coisas (...) Minha avaliação é essa (...) Eu acho que a vanguarda exagera".

Se há toda uma identificação dos militantes entre si, expressa, por exemplo, no tão característico tratamento de "companheiro", por outro lado, há também toda uma diferenciação destes em relação aos "outros". São dois movimentos, cuja resultante tem sido uma pressão junto àqueles no sentido de um voltar-se para o mundo próprio da "comunidade dos militantes". A própria percepção do que seja militância, como algo que exige total dedicação, expressa e alimenta esses dois movimentos e, conseqüentemente, a configuração dessa "comunidade".

É esse poder coercitivo da "comunidade" sobre os militantes que está em questão ultimamente, como sugere um entrevistado:

"Seria uma loucura, há 10 anos atrás, você deixar uma reunião do sindicato para participar de um aniversário de um filho seu ou de sua mulher. Quando ele chegasse, o outro diria: 'porra! Tu és um pequeno-burguês, fostes para um aniversário e não fostes para a reunião do sindicato...'. Então, mais ou menos, esse perfil de sindicalista taí, ou de militância taí (...) Está em crise"

A relação dos militantes com suas militâncias, de modo geral, tem sofrido certas modificações ultimamente. Todos os 83 militantes que responderam ao questionário, por exemplo, se vêem como "militantes cutistas", embora alguns admitam que não têm atuado nas "instâncias" da CUT. Mas vários deles levantaram algum tipo de ponderação com relação ao projeto da CUT: uns alegando que "continuam acreditando", mas com "ressalvas", "apesar do desgaste", apesar da "falta de mais garra"; e outros se dizendo "desconfiados", "abalados", "cansados", "desestimulados", "desmotivados". Vários avisaram que pretendem "cuidar mais da vida pessoal e profissional" ou que pretendiam "voltar pra base" após concluírem seus mandatos. Embora a maioria tenha manifestado a sua determinação em continuar como "dirigente" e "militante".

Apesar das críticas e queixas, as pessoas envolvidas com a CUT têm reagido à dinâmica imposta pela "comunidade dos militantes", não só alimentando o "acirramento dos enfrentamentos internos" ou "afastando-se do movimento", mas também "permanecendo" e "reciclando-se" e, conseqüentemente, modificando os termos de sua relação com a militância.

É também o que observa Antônio Cattani (1992) em um trabalho realizado junto a sindicalistas do Rio Grande do Sul, abrangendo o período 1982-1992. De uma prática de "militância com abnegação", onde "o sacrifício da vida pessoal e familiar ou pelo menos sua subordinação à militância era o traço comum na maior parte dos militantes", até fins da década passada, evolui-se, segundo o autor, para outros "padrões de militância". O primeiro sustenta-se nos que "abandonaram a militância e a participação em instituições", que denomina de "os trânsfugas". O segundo compõe-se dos que tentam manter "o perfil do militante do início da década de 80", chamados de "os militontos". O terceiro, "os reciclados", inclui os que "permanecem envolvidos com as atividades sindicais mas se distanciam cada vez mais do padrão anterior de militância". Seja passando a assumir uma posição mais "pragmática", ou não.

De modo que, para uma melhor compreensão das transformações pelas quais vêm passando as experiências de organização popular e sindical, como a que se identifica com a CUT, está posto o desafio de abordagens mais específicas quanto à identificação dos sujeitos envolvidos e às formas de suas inserções em tais experiências. É essa dimensão, no estudo do sindicalismo CUT, que o presente artigo buscou realçar.

Bibliografia

- CATTANI, Antonio. "Trajetórias Sindicais - O Esgotamento de um Padrão de Militância". In **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, 15: 19-91, 1992.
- JÁCOME, Iram. **Trabalhadores, Sindicalismo e Democracia: A Trajetória da CUT**. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1993
- OLIVEIRA, Roberto V. de. **A CUT Somos Nós...: A Experiência-CUT e a Questão da Participação no Imaginário dos Militantes que Atuam na Paraíba**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFPB, 1994.
- RODRIGUES, Leôncio M. **CUT: Os Militantes e a Ideologia**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990